

59 Rondônia escolherá três nomes

Rondônia é o único Estado em que os partidos em disputa dedicam total atenção à campanha pelo Senado: lá, não haverá este ano eleição para governador, já que este cargo foi preenchido por nomeação do Palácio do Planalto. Além disso, como era até recentemente Território — e, portanto, sem representação no Senado —, Rondônia elegerá em novembro seus três senadores; o de maior votação para um mandato de oito anos, e os outros dois para um período de apenas quatro anos, integrando-se assim ao ciclo de renovação da Casa.

“Vote nos três de uma só vez”, é a palavra de ordem no PT, no PMDB e PDS de Rondônia — que será também o único Estado sem bônico nos próximos quatro anos. Apesar do slogan, não há unidade dentro do partido governista: há denúncias de que, no Interior, o candidato Claudionor Roriz teria feito seguidas queixas de seu companheiro de chapa, o agrônomo Reynaldo Modesto, e um apelo do governador Jorge Teixeira para que o trio trabalhe junto ficou apenas nas palavras.

As disputas no PDS se repetem no Mato Grosso, onde o candidato em sublegenda Gabriel Neves assume publicamente a condição de marginalizado. “Cada um por si”, diz Neves, “e a máquina administrativa para o candidato oficial, Roberto Campos”. O embaixador teve sua candidatura ao Senado definida já há dois anos pelo governador mato-grossense, Frederico Campos.

Segundo Neves, o apoio à candidatura de Roberto Campos se mostra de diversas maneiras: “Às vezes, é o esquecimento do candidato em sublegenda em aeroportos, ou de reserva em hotéis”; outras, “pequenos enganos”, como a presença de caminhões com 12 toneladas de brindes destinados à campanha do ex-ministro. Segundo fontes ligadas diretamente à campanha do embaixador, até há um mês haviam sido gastos cerca de 650 milhões de cruzeiros para fixar a imagem de Roberto Campos no Estado.

A possibilidade de reeleição de Jarbas Passarinho está pela primeira vez ameaçada no Pará. Para enfrentá-lo, o PMDB lançou três sublegendas, com João Menezes, Hélio Gueiros e Itair Silva, e espera obter a vitória com a soma das forças que representam.

Mesmo assim, Passarinho, sem usar de sublegenda pelo PDS, está confiante. Ele próprio admite que a eleição para o Senado “será plebiscitária”, para destruir ou manter sua hegemonia, que dura desde 1964, quando deixou o Exército para assumir o governo do Estado. E a força eleitoral de Passarinho é provada pelas pesquisas de opinião, que o indicam como o “puxador” de voto na campanha pedessista.

No Mato Grosso do Sul, um ex-governador nomeado pelo presidente João Figueiredo, Marcelo Miranda Soares, é o candidato de maior expressão do PMDB. Concorre dentro do partido com o ex-senador Mendes Canale, e segundo calcula deverá gastar na campanha cerca de 250 milhões de cruzeiros. Já o PT e o PDT de Goiás, como em vários outros Estados, consideram que a disputa pelo Senado está “viciada pelo poder econômico”, e sem usar a sublegenda lançaram candidatos — Paulo Farias e José de Arimatéia —, que consideram essencial à consolidação de seus partidos.

Farhat, com Figueiredo

O presidente João Figueiredo é o principal cabo-eleitoral do mais conhecido candidato pedessista no Acre, seu ex-ministro Said Farhat. Inicialmente rejeitado pelos políticos locais, que o chamavam de “para-quedaista”, Farhat venceu resistências, levou o presidente para conhecer seu comitê e faz a campanha “no plano em que as pessoas estão acostumadas”, admite, já que em seu escritório são atendidas 250 pessoas por dia para a solução de pequenos problemas individuais ou de família. Mas o ex-ministro garante que, além deste clientelismo, a campanha se desenvolve “no plano dos meus ideais”.

No Amazonas, nada poderia ter sido melhor para a disputa de uma vaga no senado pelo PMDB do que a fusão com o extinto PP; a unificação permitiu a “dobradinha” Gilberto Mestrinho, para governador, e Fábio Lucena, para o Senado. Esta fórmula é considerada ideal, tanto que os outros candidatos em sublegenda pelo partido, Leopoldo Peres Sobrinho e Aureo Melo, admitem a liderança de Lucena e trabalham apenas para somar votos.

Sem experiência parlamentar, mas com longo trabalho desenvolvido em entidades sindicais, o indicado do PT ao Senado na Bahia, engenheiro Sérgio Guimarães, foi considerado o melhor dos três candidatos que participaram de um debate na televisão.

Ele garante que a campanha “vem sendo feita à medida que o dinheiro vai sendo arrecadado”, mas prevê que seu partido não chegará a gastar Cr\$ 5 milhões. Seu slogan é o mesmo da campanha nacional do partido, “Trabalho, terra e liberdade”, e pretende “unir a luta no Senado e na Câmara pelos interesses da classe trabalhadora”.

No Estado, Luiz Vianna Filho, do PDS, é o único candidato que faz campanha independente do indicado para governador, Clériston Andrade. Waldir Pires, do PMDB, embora inicialmente candidato a gover-